

11-09-2019

## As cartas de meu avô (II)

**Leila Uruhay Grienz**

[Psicóloga Social. Radialista]

Cartas de muitos matizes. O silêncio de meu avô, principalmente nos seus últimos anos, não combina com a voz de suas cartas. Dependendo do assunto, o tom da voz subia e descia como se estivesse tocando a palavra numa orquestra. De todos os ritmos havia de tudo um pouco.

Até cartas de amor estavam lá. Ficção, realidade e utopia de timbres variados compunham uma sinfonia que não tinha preconceito de gêneros - do samba de raiz à ópera -.

Fui procurar uma pepitinha de ouro [alguma carta de João Saldanha] e achei um tesouro. Cuspei a entender o seu fio condutor, mas no manuseio sereno e frenético daqueles dias e noites que passei com elas na *saleta ao lado da porta que dava ao quintal*, ficamos íntimas - as cartas e eu -. *Láí, o fio condutor de nós é Villa-Lobos*, elas me disseram. Eu, que pouco conhecia a música de Villa-Lobos, só entendi o recado depois que deixei Indaial e me dediquei a ouvir (novamente) as Bachianas com os ouvidos provocados.

As Bachianas Brasileiras têm a brasilidade como fio condutor. As cartas do Gringo tinham como fio condutor a brasilidade. Serão precisos alguns anos (ou décadas) para desvendar o tesouro da *saleta ao lado da porta que dava ao quintal*. Mas, as dezenas de cartas que li até achar a pepita que eu procurava já eram suficientes para me brasilizar pela voz de meu avô. Uso meu amuleto mexicano para que ele me garanta a dádiva de lê-las todas algum dia.

Tia Valentina, por certo, estará me acompanhando com suas não perguntas e uma xícara de café. Não vejo a hora de voltar. Até agora, entre as cartas que acariciei e ouvi, a primeira que ele escreveu foi em 12 de julho de 1938.

Ele tinha 14 anos. Mas, juro que ouvi as cartas me sussurrando *Láí, essa carta não foi a primeira*. Eu até fingi que não ouvi, pois para saber se era ou não era (a primeira) eu precisaria examinar todas. Impossível nesses poucos dias e, talvez, nas próximas décadas, pensei. Por ora fico com essa... O rádio era o personagem dessa carta.

E eu que achava que o Gringo havia se interessado por futebol só depois do João Saldanha estava enganada.

Nesse ano foi transmitida a 3ª Copa do Mundo, na França. Para quem tinha aprendido a ler e a escrever riscando a palavra TRABALHO na terra, com seu amigo Zil, sua carta era bem escrita. Antonio Silveira devia ter sido um ótimo professor. A carta para Frederick [depois descobri que era um colega de Blumenau], falava de sua tristeza pelo Brasil ter perdido a Copa. Dela extraí um fragmento *Fredo ... estou entristecido ... depois de os três goals de Leonidas na vitória de scratch sobre a Polónia, ele não foi escalado para o match contra Itália ... perdemos ... tens ouvido a voz do Brasil? ... penso encontrarte em pouca...*

Essa primeira das cartas me intrigou. Olhando para elas ainda me sentia meio envergonhada, apesar da maior intimidade em tocá-las e ouvi-las me sussurrando. 1938 foi o ano em que o Programa Nacional [criado em 1935 por Getúlio Vargas e levado pela voz de Luís Jabobá] tornou-se transmissão obrigatória para todo o país e mudou de nome: *A Voz do Brasil*. Pensei que o detalhe da não escalação de Leonidas e a tristeza do Gringo talvez fosse o sinal de que seu sentimento de brasilidade estava ali nascendo. E *A Voz do Brasil*, naquele ano de pré-guerra deve ter sido o batismo radiofônico de meu avô. Os arrepios que eu já não sentia há algum tempo me possuíram como se eu fosse uma cortesã alucinada, pois ali entendi meu primeiro trabalho na Rádio de Indaial. Eu era, afinal de contas, uma radialista, embora psicóloga, bisbilhotando cartas de meu avô. Radialista, ainda (e sempre). *Láí, desistiu?*, elas me cochicharam.

Não, eu não havia desistido. Ao contrário, eu sentia que precisava entender mais sobre mim, sobre meu avô, sobre a Tia Valentina, sobre as Copas do Mundo, sobre o Brasil, sobre brasilidade, sobre Villa-Lobos e ai! que raiva, sobre Bolsonaro. Por onde começar? Acho que com o sentimento de brasilidade. De que se trata essa coisa que você sabe o que é, mas não tem a menor ideia do que seja? É mais que amor, mas tem uma raiva que existe pelo que não é mas pelo que poderia ser. Brasilidade é o arrepio que eu não sinto que estou arrepiada quando penso no genocídio dos nossos índios, quando penso nos navios negreiros, corpos jogados ao mar para, na boca dos tubarões, se salvarem dos escravizadores, homens que, além de covardes são despojados da única coisa que caracteriza o ser humano: a humanidade. Brasilidade é amar seu país, apesar de os negros, mesmo que libertos, continuarem escravos do preconceito de parte dos mesmos escravizadores de antanho, só que agora camuflados. Camuflados pelo medo de serem pegos no sossego de sua desumanidade. Haja Estado de Direito para conter as bestas-feras... ih! furei a fila, voltei a pensar em Bolsonaro. Brasilidade é quando você resiste a sair do Brasil, porque a coisa 'tá feia. Essa é a hora da brasilidade mostrar sua cara. É hora de pensar que o verde-amarelo da bandeira se sustenta com o sangue vermelho que corre nas nossas veias. Brasilidade é a inesgotável incapacidade de conhecer a enorme diversidade cultural de nossas gentes associada à inesgotável vontade de conhecer cada vez mais o nosso país. Maiami, Novaiorqui y Dubai que me perdoem. *Láí, o que está acontecendo? Estamos te esperando*. As cartas, com razão, puxaram minhas orelhas. Antes de falar sobre a pepita que guardei junto do meu amuleto, em outra carta do Gringo (10 de setembro de 1939), já com 15 anos, ele dizia: *Zil ... veja que o professor tinha razão: a Alemanha nazista invadiu a Polónia e Getúlio parece que está apoiando...*

\*\*\*

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.